

As citações de Martin Luther King Jr. são utilizadas por acordo com os herdeiros de Martin Luther King Jr., a/c Writers House, na qualidade de agente do proprietário, Nova Iorque, N. I., estando protegidas por copyright © 1963, 1968, Dr. Martin Luther King Jr., copyright © renewed 1991, 1996, Coretta Scott King.

FICHA TÉCNICA

Título original: *Edge of Eternity*

The Century Trilogy — Book 3

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 2014 by Ken Follett

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2014

Depósito legal n.º 379 370/14

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*A todos os que lutam pela liberdade,
em especial a Barbara*

ÍNDICE

PERSONAGENS PRINCIPAIS	11
PARTE I — O Muro (1961)	15
PARTE II — A Escuta (1961-1962)	129
PARTE III — A Ilha (1962)	193
PARTE IV — A Arma (1963)	319
PARTE V — A Canção (1963 a 1967)	489
PARTE VI — A Flor (1968)	653
PARTE VII — A Gravação (1972 a 1974)	763
PARTE VIII — O Estaleiro (1976-1983)	827
PARTE IX — A Bomba (1984 a 1987).....	901
PARTE X — O Muro (1988 a 1989)	955
EPÍLOGO — 4 de Novembro de 2008	1017
AGRADECIMENTOS	1022

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Personagens Americanas

Família Dewar

Cameron Dewar

Ursula «Beep» Dewar, sua irmã

Woody Dewar, seu pai

Bella Dewar, sua mãe

Família Peshkov-Jakes

George Jakes

Jacky Jakes, sua mãe

Greg Peshkov, seu pai

Lev Peshkov, seu avô

Marga, sua avó

Família Marquand

Verena Marquand

Percy Marquand, seu pai

Babe Lee, sua mãe

CIA

Florence Geary

Tony Savino

Tim Tedder, semiaposentado

Keith Dorset

Outros

Maria Summers

Joseph Hugo, FBI

Larry Mawhinney, Pentágono

Nelly Fordham, antiga paixão de Greg Peshkov

Dennis Wilson, assessor de Bobby Kennedy
Skip Dickerson, assessor de Lyndon Johnson
Leopold «Lee» Montgomery, repórter
Herb Gould, jornalista de televisão do programa *This Day*
Suzy Cannon, colunista social
Frank Lindeman, dono de uma cadeia de televisão

Personagens verídicas

John F. Kennedy, 35.º presidente dos Estados Unidos
Jackie, sua esposa
Bobby Kennedy, seu irmão
Dave Powers, assessor do presidente Kennedy
Pierre Salinger, assessor de imprensa do presidente Kennedy
Reverendo Dr. Martin Luther King Jr., presidente da Conferência da Liderança Cristã do Sul
Lyndon B. Johnson, 36.º presidente dos Estados Unidos
Richard Nixon, 37.º presidente dos Estados Unidos
Jimmy Carter, 39.º presidente dos Estados Unidos
Ronald Reagan, 40.º presidente dos Estados Unidos
George H. W. Bush, 41.º presidente dos Estados Unidos
J. Edgar Hoover, diretor do FBI

Personagens Britânicas

Família Leckwith-Williams

Dave Williams
Evie Williams, sua irmã
Daisy Williams, sua mãe
Lloyd Williams, deputado, seu pai
Eth Leckwith, avó de Dave

Família Murray

Jasper Murray
Anna Murray, sua irmã
Eva Murray, sua mãe

Músicos da banda dos Guardsmen e dos Plum Nellie

Lenny, primo de Dave Williams
Lew, bateria
Buzz, baixo
Geoffrey, guitarra solo

Outros

Conde Fitzherbert, conhecido por Fitz
Sam Cakebread, amigo de Jasper Murray
Byron Chesterfield (nome verdadeiro Brian Chesnowitz), agente musical
Hank Remington (nome verdadeiro Harry Riley), estrela *pop*
Eric Chapman, executivo de uma discográfica

Personagens Alemãs

Família Franck

Rebecca Hoffmann
Carla Franck, mãe adotiva de Rebecca
Werner Franck, pai adotivo de Rebecca
Walli Franck, filho de Carla
Lili Franck, filha de Werner e Carla
Maud von Ulrich, nome de solteira Fitzherbert, mãe de Carla
Hans Hoffmann, marido de Rebecca

Outros

Bernd Held, professor
Karolin Koontz, cantora *folk*
Odo Vossler, clérigo

Personagens verídicas

Walter Ulbricht, secretário-geral do Partido Socialista Unificado da
Alemanha (comunista)
Erich Honecker, sucessor de Ulbricht
Egon Krenz, sucessor de Honecker

Personagens Polacas

Stanislaw «Staz» Pawlak, oficial do exército
Lidka, namorada de Cam Dewar
Danuta Gorski, ativista do Solidarnosc

Personagens verídicas

Anna Walentynowicz, operadora de guindaste
Lech Walesa, líder do sindicato Solidarnosc
General Jaruzelski, primeiro-ministro

Personagens Russas

Família Dvorkin-Peshkov

Tanya Dvorkin, jornalista

Dimka Dvorkin, assessor do Kremlin, irmão gêmeo de Tanya

Nina, namorada de Dimka

Anya Dvorkin, sua mãe

Grigori Peshkov, seu avô

Katerina Peshkov, sua avó

Vladimir, conhecido por Volodya, seu tio

Zoya, esposa de Volodya

Outros

Daniil Antonov, adjunto do chefe de redação da TASS

Pyotr Opotkin, chefe de redação da TASS

Vasili Yenkov, dissidente

Natalya Smotrov, funcionária do Ministério dos Negócios Estrangeiros

Nik Smotrov, marido de Natalya

Yevgeny Filipov, assessor do ministro da Defesa, Rodin Malinovsky

Vera Pletner, secretária de Dimka

Valentin, amigo de Dimka

Marechal Mikhail Pushnoy

Personagens verídicas

Nikita Sergeyevich Khrushchev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética

Andrei Gromiko, ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Khrushchev

Rodion Malinovsky, ministro da Defesa do governo de Khrushchev

Alexei Kossygin, presidente do Conselho de Ministros

Leónidas Brezhnev, sucessor de Khrushchev

Yuri Andropov, sucessor de Brezhnev

Konstantin Chernenko, sucessor de Andropov

Mikhail Gorbachev, sucessor de Chernenko

Personagens de outros países

Paz Oliva, general cubano

Frederik Bíró, político húngaro

Enok Andersen, contabilista dinamarquês

PARTE I
O MURO
1961

CAPÍTULO UM

Rebecca Hoffmann foi convocada pela polícia secreta numa segunda-feira chuvosa, em 1961.

A manhã começara como habitualmente. O marido levava-a ao trabalho no seu *Trabant* 500 castanho-claro. As elegantes e antigas ruas do centro de Berlim apresentavam ainda espaços vazios causados pelos bombardeamentos da guerra, à exceção dos locais onde se erguiam novos edifícios de cimento, quais dentes postiços desiguais. Enquanto guiava, Hans pensava no seu emprego.

— Os tribunais servem os juízes, os advogados, a polícia, o governo, todos menos as vítimas de crimes — declarou. — Isto será normal nos países ocidentais capitalistas, mas, num regime comunista, os tribunais deviam certamente servir o povo. Parece que os meus colegas não compreendem isso. — Hans trabalhava para o Ministério da Justiça.

— Há quase um ano que estamos casados e já te conheço há dois anos, mas nunca conheci nenhum dos teus colegas — notou Rebecca.

— Iam aborrecer-te — respondeu Hans de imediato. — São todos advogados.

— E há mulheres entre eles?

— Não. Pelo menos, na minha secção. — O trabalho de Hans era administrativo: nomear juízes, agendar julgamentos, coordenar tribunais.

— Mesmo assim, gostava de os conhecer.

Hans era um homem forte, que aprendera a controlar-se. Ao observá-lo, Rebecca viu no seu olhar um clarão familiar de irritação perante a sua insistência. Ele controlou-se por um esforço de vontade. — Hei de combinar alguma coisa — disse ele. — Talvez vamos a um bar uma noite destas.

Hans fora o primeiro homem que Rebecca conhecera que estava à altura do seu pai. Era confiante e autoritário, mas escutava-a sempre. Tinha um bom emprego — na Alemanha Oriental não havia muitas

pessoas que possuíssem carro próprio; os homens que trabalhavam no governo eram normalmente comunistas da linha dura, mas surpreendentemente ele partilhava o ceticismo político da mulher. Como o pai, era alto, bonito e vestia-se bem. Era o homem por quem esperara.

Durante o namoro, apenas duvidara dele uma vez, por pouco tempo. Tinham sofrido um pequeno acidente de automóvel, inteiramente da responsabilidade do outro condutor, que surgira de uma transversal sem parar. Coisas assim aconteciam todos os dias, mas Hans ficara louco de raiva. Embora os estragos nos dois carros fossem menosprezíveis, ele chamara a polícia, mostrara-lhes o seu cartão do Departamento da Justiça, e fizera com que o outro condutor fosse preso por condução perigosa e levado para a prisão.

Mais tarde, pedira desculpa a Rebecca por ter perdido a calma. Ela ficara assustada com o seu espírito vingativo e estivera perto de dar por findo o relacionamento. Todavia, ele explicara-lhe que normalmente não era assim, atribuindo as culpas a pressões do trabalho, e ela acreditara nele. A sua fé justificara-se, pois ele nunca mais fizera algo semelhante.

Já namoravam havia um ano e dormiam juntos a maior parte dos fins de semana nos últimos seis meses, quando Rebecca se começou a interrogar por que motivo ele não a pedia em casamento. Já não eram miúdos, ela tinha nessa altura vinte e oito anos, e ele trinta e três. Assim, fora ela a pedi-lo, o que o deixara surpreso. Mas disse que sim.

Naquele momento, encostou junto da escola dela. Era um edifício moderno e bem equipado: os comunistas eram sérios no que dizia respeito à educação. No exterior dos portões, viam-se cinco ou seis rapazes mais velhos debaixo de uma árvore, a fumar. Ignorando os olhares deles, Rebecca beijou Hans nos lábios e saiu do carro.

Os rapazes cumprimentaram-na educadamente, mas ela sentiu os olhares adolescentes cheios de desejo sobre o seu corpo, enquanto saltitava por entre as poças do pátio.

Rebecca vinha de uma família ligada à política. O avô fora um social-democrata, membro do Reichstag, o parlamento nacional, até à subida de Hitler ao poder. A mãe fora conselheira municipal, também pelos sociais-democratas, durante o breve período democrático de Berlim Leste. Todavia, a Alemanha de Leste era agora uma tirania comunista, e Rebecca não via razão para se envolver na política. Assim, canalizava o seu idealismo para o ensino e esperava que a geração seguinte viesse a ser menos dogmática, mais compassiva, mais esperta.

Na sala de professores, verificou o horário das substituições no quadro de avisos. Naquele dia, a maior parte das suas aulas eram duplas, dois grupos de alunos amontoados numa sala. A disciplina era Russo,

mas tinha também de dar uma aula de Inglês. Não falava a língua, apesar de ter aprendido um pouco com a avó britânica, Maud, ainda animada e espirituosa apesar dos seus setenta anos.

Aquela era a segunda vez que lhe era pedido que desse uma aula de Inglês, e começou a pensar num texto. Da primeira vez, usara um folheto distribuído aos soldados americanos que lhes dizia como se deviam relacionar com os alemães; os alunos tinham-no achado hilariante e também tinham aprendido muito. Talvez agora escrevesse no quadro a letra de uma canção que eles conheciam, como *The Twist*¹ — que estava sempre a passar na rádio das forças americanas —, e lhes pedisse que a traduzissem para alemão. Não seria uma aula convencional, mas era o melhor que podia fazer.

A escola tinha muita falta de professores, porque metade deles tinha emigrado para a Alemanha Ocidental, onde os salários eram mais altos em cerca de trezentos marcos por mês e as pessoas eram livres. Passava-se o mesmo na maior parte das escolas da Alemanha de Leste. E não era apenas com os professores. Os médicos podiam duplicar os ganhos indo para o Ocidente. A mãe de Rebecca, Carla, era enfermeira-chefe num grande hospital de Berlim Leste, e arrepanhava o cabelo em desespero perante a escassez tanto de enfermeiras como de médicos. Passava-se o mesmo na indústria e até nas forças armadas. A crise era nacional.

Quando Rebecca escrevinhava a letra de *The Twist* num bloco, tentando lembrar-se do verso sobre «a minha mana», o vice-diretor entrou na sala de professores. Bernd Held era provavelmente o seu melhor amigo para além da família. Era um homem de quarenta anos, magro e de cabelo escuro, com uma cicatriz lívida que lhe atravessava a testa, onde um fragmento de estilhaço a voar o atingira, quando defendia Seelow, nos últimos dias da guerra. Ensinava Física, mas partilhava o interesse de Rebecca pela literatura russa, e comiam juntos a sanduíche da hora do almoço uma ou duas vezes por semana.

— Escutem todos — disse Bernd. — Receio ter más notícias. O Anselm deixou-nos.

Ouviu-se um murmúrio de surpresa. Anselm Weber era o diretor. Era um comunista leal, obrigatório no caso dos diretores, mas parecia que os seus princípios tinham sido vencidos pelo apelo da prosperidade e da liberdade da Alemanha Ocidental.

Bernd prosseguiu: — Vou assumir o seu lugar até ser nomeado um novo diretor. — Rebecca e todos os outros professores da escola sabiam que deveria ser Bernd a obter o lugar, se o critério fosse o da

¹ Música de 1959, tornada famosa por Chubby Checker e que popularizou a dança do mesmo nome. (NT)

competência, mas estava excluído à partida por não querer inscrever-se no Partido Socialista Unificado da Alemanha, o PSUA, em tudo comunista exceto no nome.

Pela mesma razão, Rebecca nunca seria diretora. Anselm insistira com ela para que se juntasse ao partido, mas isso estava fora de questão. Para ela, seria como dar entrada voluntária num manicómio e fingir que todos os outros internados eram mentalmente sãos.

Enquanto Bernd explicava como proceder às substituições, Rebecca pensava quando iria a escola ter um novo diretor. Daí a um ano? Quanto tempo duraria aquela crise? Ninguém sabia.

Antes da aula, olhou para o seu escaninho do correio, mas estava vazio. O correio ainda não chegara. Talvez o carteiro também tivesse ido para a Alemanha Ocidental.

A carta que iria deixar a sua vida de pernas para o ar ainda vinha a caminho.

Deu a primeira aula, analisando o poema russo «O Cavaleiro de Bronze»² com um grande grupo de alunos de dezassete e dezoito anos. Era uma aula que costumava dar todos os anos desde que começara a ensinar. Como habitualmente, conduziu os alunos para a análise ortodoxa soviética, explicando que o conflito entre o interesse pessoal e o dever público fora resolvido por Pushkin em favor do público.

À hora do almoço, levou a sanduíche para o gabinete do diretor e sentou-se em frente de Bernd, do lado de cá da grande secretária. Olhou para a prateleira cheia de bustos de cerâmica baratos: Marx, Lenine e o líder comunista da Alemanha Oriental, Walter Ulbricht. Bernd seguiu-lhe o olhar e sorriu. — O Anselm é um manhoso — comentou. — Durante anos, fingiu acreditar a sério e agora... vzzt, pôs-se a andar.

— Não te sentes tentado a partir? — perguntou-lhe Rebecca. — És divorciado, não tens filhos, nada te prende.

Ele olhou em redor, como se pensasse que alguém podia estar à escuta, e depois encolheu os ombros. — Já pensei nisso... quem não o fez? — confessou. — E tu? O teu pai trabalha em Berlim Ocidental, não é?

— Sim. Tem uma fábrica de aparelhos de televisão, mas a minha mãe está determinada a ficar no Leste. Afirma que temos de resolver os nossos problemas e não fugir deles.

— Conheço-a, é uma leoa.

— É verdade. E a nossa casa pertence à família há gerações.

— E o teu marido?

² Poema narrativo de Alexander Pushkin (1833) sobre a estátua equestre de Pedro, o Grande. (NT)

— É muito dedicado ao seu trabalho.

— Portanto, não tenho de me preocupar em perder-te. Ótimo.

Rebecca principiou: — Bernd... —, mas depois hesitou.

— Atira lá.

— Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

— É claro.

— Deixaste a tua mulher porque ela tinha um caso.

Bernd imobilizou-se, mas respondeu. — Exatamente.

— Como é que descobriste?

Bernd fez um esgar, como se subitamente lhe doesse algo.

— Incomoda-te a minha pergunta? — quis saber Rebecca, ansiosa.

— É demasiado pessoal?

— A ti, não me importo de contar — admitiu ele. — Confrontei-a, e ela admitiu.

— Mas o que é que te fez suspeitar?

— Uma série de pequenas coisas...

Rebecca interrompeu-o. — Toca o telefone, atendes, há um silêncio que dura alguns momentos e depois a pessoa do outro lado desliga.

Ele assentiu.

Ela prosseguiu: — O teu cônjuge rasga uma mensagem em bocadinhos e deita-os na sanita. Ao fim de semana é chamado para uma reunião inesperada. À noite, passa duas horas a escrever algo que não te mostra.

— Ai, ai — disse Bernd com tristeza. — Estás a falar do Hans.

— Ele tem uma amante, não tem? — Pousou a sanduíche, perdera o apetite. — Diz-me honestamente o que pensas.

— Lamento imenso.

Bernd beijara-a uma vez, havia quatro meses, no último dia do primeiro período. Estavam a despedir-se e a desejar um ao outro um bom Natal, e ele segurara-lhe o braço ao de leve, curvara a cabeça e beijara-a nos lábios. Ela pedira-lhe que nunca mais o fizesse, mas acrescentara que gostaria de continuar a ser sua amiga. Ao regressarem à escola, em janeiro, ambos fingiram que nada tinha acontecido. Passadas algumas semanas, ele até lhe dissera que tinha um encontro com uma viúva da sua idade.

Rebecca não queria encorajar falsas esperanças, mas Bernd era a única pessoa com quem podia conversar, à exceção da família, e não os queria preocupar, ainda não. — Estava tão certa de que o Hans me amava — confessou, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. — E eu amo-o.

— Talvez te ame mesmo. Alguns homens não conseguem resistir às tentações.

Rebecca não sabia se Hans considerava satisfatória a vida sexual de ambos. Nunca se queixava, mas só faziam amor cerca de uma vez por semana, o que ela achava invulgar para recém-casados. — Só desejo ter a minha própria família, tal como a minha mãe, na qual todos são amados, apoiados e protegidos — explicou. — Pensei poder alcançar isso com o Hans.

— Talvez ainda possas — disse Bernd. — Um caso não é necessariamente o fim de um casamento.

— No primeiro ano?

— Concordo que é mau.

— Que devo fazer?

— Tens de o confrontar. Ele pode admitir ou negar, mas ficará a saber que tu sabes.

— E depois?

— Que é que queres fazer? Divorciavas-te dele?

Ela abanou a cabeça. — Nunca me iria embora. O casamento é uma promessa. Não a podemos manter só quando nos convém. Temos de a manter mesmo contra as nossas inclinações. É esse o seu significado.

— Eu fiz o oposto. Deves desaprovar.

— Não te julgo, nem a ti nem a mais ninguém. Estou só a falar de mim. Amo o meu marido e quero que me seja fiel.

O sorriso de Bernd era de admiração, mas também pesaroso. — Espero que consigas o teu desejo.

— És um bom amigo.

Tocou a campainha para a primeira aula da tarde. Rebecca levantou-se e voltou a embrulhar a sanduíche no papel. Não a ia comer, nem naquele momento nem mais tarde, mas odiava deitar comida fora, como a maioria das pessoas que tinham vivido durante a guerra. Levou um lenço aos olhos húmidos. — Obrigada por me ouvires — agradeceu.

— Não fui um grande conforto.

— Foste, sim. — E saiu.

Ao aproximar-se da sala da aula de Inglês, deu-se conta de que não tinha findado a letra de *The Twist*. Contudo, era professora havia tempo suficiente para conseguir improvisar.

— Quem é que já ouviu uma canção chamada *The Twist*? — perguntou em voz alta ao entrar.

Todos a conheciam.

Foi até ao quadro e pegou num pedaço de giz. — Como é a letra?

Começaram logo todos a gritar.

Escreveu no quadro: *Come on baby, let's do the Twist*. Depois perguntou: — Como se diz isto em alemão?

Durante algum tempo, esqueceu os seus problemas.

Encontrou a carta no seu escaninho no intervalo da tarde. Levou-a para a sala de professores e fez uma chávena de café instantâneo antes de a abrir. Ao lê-la, entornou o café.

No topo da única folha lia-se: Ministério para a Segurança do Estado. Era o nome oficial da polícia secreta, mais conhecida por Stasi. A carta vinha de um sargento Scholz e ordenava-lhe que se apresentasse no gabinete do quartel-general para ser interrogada.

Rebecca limpou a bebida entornada, pediu desculpa aos colegas, fingiu que estava tudo bem e foi à casa de banho das senhoras, onde se fechou num dos cubículos. Tinha de pensar antes de contar a alguém.

Na Alemanha de Leste, toda a gente sabia daquelas cartas e todos receavam receber uma. Significava que fizera algo de errado, talvez algo trivial, mas que chamara a atenção dos vigias. Pelo que outras pessoas contavam, sabia que não valia a pena afirmar a sua inocência. A atitude da polícia era de que ela devia ser culpada de alguma coisa, senão por que razão a estariam a interrogar? Sugerir que podiam ter cometido um erro era insultar a sua competência, o que era outro crime.

Ao ler melhor, viu que a entrevista era naquela tarde, às cinco horas.

Que teria ela feito? É claro que a sua família era profundamente suspeita. O seu pai, Werner, era um capitalista, proprietário de uma fábrica em que o governo da Alemanha Oriental não podia tocar, porque ficava em Berlim Ocidental. A mãe, Carla, era uma social-democrata bem conhecida. E a avó, Maud, era irmã de um conde inglês.

Todavia, havia alguns anos que as autoridades não incomodavam a família, e Rebecca imaginara que o seu casamento com um funcionário do Ministério da Justiça talvez lhes tivesse trazido uma aura de respeitabilidade. Era óbvio que não.

Teria cometido algum crime? Possuía uma cópia da alegoria anticomunista de George Orwell, *O Triunfo dos Porcos*, que era ilegal. O seu irmão mais novo, Walli, que tinha quinze anos, tocava guitarra e cantava canções de protesto americanas como *This Land Is Your Land*³. Ela ia, por vezes, a Berlim Ocidental ver exposições de arte abstrata. Os comunistas eram tão conservadores em relação à arte como as matronas vitorianas.

Ao lavar as mãos, olhou de relance para o espelho. Não tinha aspeto de assustada. Tinha um nariz direito, um queixo forte e olhos castanhos expressivos. O revoltado cabelo castanho fora severamente penteado para trás. Era alta e bem feita, e algumas pessoas achavam-na intimidante. Conseguia encarar uma aula cheia de turbulentos jovens de dezoito anos e calá-los com uma palavra.

³ Da autoria de Woody Guthrie. (NT)

Mas estava mesmo assustada. O que a apavorava era saber que a Stasi podia fazer o que quisesse. Não tinham restrições de qualquer espécie: queixar-se deles era, por si só, um crime, o que lhe recordava o Exército Vermelho no final da guerra. Os soldados soviéticos haviam tido a liberdade de roubar, violar e assassinar alemães e tinham usado essa liberdade numa orgia de um barbarismo inqualificável.

A última aula desse dia tratava da construção da voz passiva na gramática russa, e foi um desastre, certamente a pior que dera desde que se qualificara como professora. Os alunos não puderam deixar de perceber que havia algo de errado e, comoventemente, não a apoquentaram, chegando mesmo a fazer sugestões úteis, quando não conseguia encontrar a palavra certa. Com a indulgência deles, conseguiu chegar ao fim.

Quando as aulas acabaram, Bernd estava fechado no gabinete do diretor com funcionários do Ministério da Educação, presumivelmente a discutir como haveriam de manter a escola aberta com o desaparecimento de metade dos professores. Rebecca não queria ir ao quartel-general da Stasi sem dizer a alguém, não se desse o caso de eles decidirem mantê-la lá, e, portanto, escreveu-lhe uma nota a contar-lhe da convocatória.

Depois, apanhou um autocarro e percorreu as ruas molhadas até Normannen Strasse, no subúrbio de Lichtenberg.

Aí, o quartel-general da Stasi situava-se num feio edifício de escritórios novo. Não estava ainda terminado, e viam-se buldózers no parque de estacionamento e andaimes numa das extremidades. À chuva, tinha um aspeto sinistro, e não devia ser muito mais agradável à luz do Sol.

Ao atravessar a porta, pensou se voltaria a sair.

Cruzou o enorme átrio, mostrou a carta na receção e foi acompanhada a um andar superior num elevador. O medo crescia à medida que subia. Saiu num corredor pintado num tom de amarelo-mostarda assustador. Mandaram-na entrar para uma pequena sala vazia, com uma mesa de tampo de plástico e duas cadeiras desconfortáveis feitas de tubos de metal. Sentia-se um cheiro acre a tinta. O acompanhante saiu.

Ficou sentada sozinha durante cinco minutos. Era pena não fumar, pois talvez um cigarro a recompusesse. Lutou para não chorar.

O sargento Scholz entrou. Era um pouco mais novo que ela, calculou que tivesse cerca de vinte e cinco anos. Trazia um dossiê fino. Sentou-se, pigarreou, abriu-o e franziu o sobrolho. Ocorreu a Rebecca que estava a tentar parecer importante e interrogou-se se aquele seria o seu primeiro interrogatório.

— É professora na Escola Secundária Politécnica Friedrich Engels — afirmou.

— Sim.

— Onde vive?

Respondeu-lhe, mas ficou intrigada. A polícia secreta não conheceria a sua morada? Isso talvez explicasse por que motivo a carta fora enviada para a escola e não para casa.

Teve de dar os nomes e as idades dos pais e dos avós. — Está a mentir-me! — bradou Scholz em tom triunfante. — Diz que a sua mãe tem trinta e nove anos e que você tem vinte e nove. Como é que ela a poderia ter dado à luz com dez anos?

— Sou adotada — explicou Rebecca, aliviada por poder dar-lhe uma explicação inocente. — Os meus pais verdadeiros foram mortos no fim da guerra, quando a nossa casa foi diretamente atingida por uma bomba. — Tinha então treze anos. As bombas do Exército Vermelho caíam, a cidade estava em ruínas, e ela encontrava-se sozinha, confusa, aterrorizada. Uma adolescente gordinha, fora escolhida para ser violada por um grupo de soldados. Fora salva por Carla, que se lhes oferecera em seu lugar. No entanto, essa experiência aterradora deixara-a hesitante e nervosa em relação ao sexo. Se Hans se sentia insatisfeito, ela tinha a certeza de que a culpa era sua.

Estremeceu e tentou afastar aquela recordação. — Carla Franck salvou-me de... — Interrompeu-se mesmo a tempo. Os comunistas negavam que os soldados do Exército Vermelho tivessem cometido violações, embora todas as mulheres que se encontravam na Alemanha de Leste em 1945 conhecessem a terrível verdade. — A Carla salvou-me — disse, omitindo os pormenores controversos. — Mais tarde, ela e o Werner adotaram-me legalmente.

Scholz escrevia tudo aquilo. Não podia haver muito naquele ficheiro, pensou ela. Mas alguma coisa devia lá constar. Se ele sabia pouco sobre a sua família, o que fora que atraía o seu interesse?

— É professora de Inglês — afirmou ele.

— Não, não sou. Ensino russo.

— Está de novo a mentir.

— Não estou, e não menti antes — disse ela secamente. Surpreendia-se ao dar consigo a falar com ele daquela forma desafiante. Já não estava tão assustada, o que talvez fosse imprudente. Ele podia ser novo e inexperiente, disse a si própria, mas continuava a ter o poder de lhe arruinar a vida. — A minha licenciatura é em língua e literatura russa — proseguiu, tentando um sorriso simpático. — Sou coordenadora do Departamento de Russo na minha escola. Mas metade dos nossos professores foram para o Ocidente, e temos de improvisar. Portanto, na última semana, dei duas aulas de Inglês.

— Portanto, eu tinha razão! E nas suas lições envenena as mentes das crianças com propaganda americana.

— Oh, diabos! — gemeu ela. — Isto é por causa dos conselhos aos soldados americanos?

Ele leu de uma folha com notas. — Diz aqui o seguinte: «Não se esqueçam de que na Alemanha de Leste não há liberdade de expressão.» Isto não é propaganda americana?

— Expliquei aos alunos que os Americanos têm um conceito ingénuo de liberdade, pré-marxista — disse ela. — Suponho que o seu informador se tenha esquecido de mencionar isso. — Interrogou-se sobre quem seria o bufo. Devia ser um aluno ou talvez um pai a quem tinham falado da aula. A Stasi tinha mais espões que os nazis.

— Também diz: «Quando estiver em Berlim Leste, não pergunte o caminho aos agentes da polícia. Ao contrário dos agentes americanos, não estão ali para o ajudar.» Que me diz a isto?

— E não é verdade? — perguntou Rebecca. — Quando você era adolescente, alguma vez perguntou a um Vopo o caminho para uma estação de metro? — Os Vopos eram a Volkspolizei, a polícia da Alemanha de Leste.

— Não arranjou nada mais apropriado para ensinar às crianças?

— Por que motivo não vem à nossa escola dar uma aula de Inglês?

— Eu não falo inglês.

— Eu também não! — bradou Rebecca. Lamentou de imediato ter levantado a voz, mas Scholz não ficou zangado. Na verdade, parecia um tanto intimidado. Era certo que não tinha experiência, mas ela não podia descuidar-se. — Eu também não — repetiu com mais brandura. — Portanto, vou inventando e uso quaisquer materiais em língua inglesa que me vêm parar às mãos. — Chegara a altura de mostrar uma humildade falsa, pensou. — É óbvio que cometi um erro e lamento imenso, sargento.

— Parece ser uma mulher inteligente — comentou ele.

Ela semicerrrou os olhos. Seria uma rasteira? — Obrigada pelo cumprimento — agradeceu em tom neutro.

— Precisamos de pessoas inteligentes, em especial de mulheres.

Rebecca ficou confusa. — Para quê?

— Para manterem os olhos abertos, verem o que se passa e dizerem-nos quando as coisas correm mal.

Mostrou-se pasmada. Passado um momento, perguntou, incrédula: — Está a pedir-me para ser informadora da Stasi?

— É um trabalho importante em prol do bem-estar público — afirmou. — E vital nas escolas, onde se formam as atitudes dos jovens.

— Compreendo. — O que Rebecca percebia era que aquele jovem polícia da secreta cometera um erro. Investigara-a apenas no seu lugar de trabalho, mas nada sabia da má reputação da família. Se Scholz tivesse examinado o passado de Rebecca, nunca a teria abordado.

Conseguia imaginar como aquilo acontecera. «Hoffmann» era um dos apelidos mais comuns, e «Rebecca» não era invulgar. Um principiante podia facilmente cometer o erro de investigar a Rebecca Hoffmann errada.

O sargento prosseguiu: — Mas as pessoas que fazem este trabalho têm de ser completamente honestas e dignas de confiança.

Aquilo era tão paradoxal que ela quase se riu. — Honestas e dignas de confiança? — repetiu ela. — Para espiarem os amigos?

— Exatamente. — Parecia não se aperceber da ironia. — E há vantagens. — Baixou a voz. — Seria uma de nós.

— Não sei o que dizer.

— Não tem de decidir agora. Vá para casa e pense no assunto, mas não o discuta com ninguém. Tem de ser um segredo, obviamente.

— Obviamente. — Começava a sentir-se aliviada. Em breve Scholz se iria aperceber de que ela não servia para o seu objetivo e retiraria a proposta, mas nesse momento já não poderia voltar a fingir que ela fazia propaganda ao imperialismo capitalista. Talvez se livrasse daquilo incólume.

Scholz levantou-se, e Rebecca imitou-o. Seria possível que a sua visita ao quartel-general terminasse tão bem? Parecia demasiado bom para ser verdade.

Ele segurou educadamente na porta e escoltou-a ao longo do corredor amarelo. Um grupo de cinco ou seis homens da Stasi encontrava-se junto das portas do elevador, a conversar animadamente. Um pareceu-lhe surpreendentemente familiar: um homem alto e de ombros largos ligeiramente curvado, num fato de flanela cinzento-clara que Rebecca conhecia bem. Mirou-o, aturdida, enquanto se dirigia ao elevador.

Era o seu marido, Hans.

Por que motivo estaria ali? O seu primeiro pensamento receoso foi que também ele estava a ser interrogado, mas passado um momento apercebeu-se, pela forma como se encontravam ali de pé, de que não estava a ser tratado como suspeito.

Então, que se passava? O seu coração martelou de medo, mas de quê?

Talvez o trabalho no Ministério da Justiça o levasse ali de vez em quando, pensou. Então, ouviu um dos outros homens a dizer: — Mas com o devido respeito, tenente... — Não ouviu o resto da frase. Tenente? Os funcionários públicos não detinham postos militares... a não ser que pertencessem à polícia...

Foi então que Hans viu Rebecca.

Ela observou as emoções que lhe atravessaram o rosto; era fácil ler os homens. No início, o rosto franziu-se, confuso, ao ver algo familiar num contexto inesperado, como um nabo numa biblioteca. Depois, esbugalhou os olhos em choque ao aceitar a realidade do que estava

a ver. Abriu ligeiramente a boca, mas foi a expressão seguinte que a magoou mais: as suas faces coraram de vergonha, e desviou o olhar dela com uma inquestionável expressão de culpa.

Rebecca ficou momentaneamente em silêncio, tentando assimilar tudo aquilo. Ainda sem compreender o que estava a ver, disse: — Boa tarde, tenente Hoffmann.

Scholz pareceu intrigado e receoso. — Conhece o tenente?

— Bastante bem — admitiu, lutando por manter a compostura, enquanto uma suspeita terrível começava a ganhar forma. — Começo a perguntar-me se ele não me tem mantido sob vigilância há já algum tempo. — Mas não era possível... ou seria?

— A sério? — disse Scholz estupidamente.

Rebecca olhou duramente para Hans, em busca da reação dele à sua suposição, na esperança de que ele não lhe desse qualquer importância e revelasse imediatamente a verdadeira e inocente explicação. Ele tinha a boca aberta, como se estivesse prestes a falar, mas ela viu que o marido não tencionava contar a verdade; pelo contrário, pensou, tinha o ar de um homem que tentava desesperadamente arranjar uma história, não conseguindo lembrar-se de nada que explicasse todos os factos.

Scholz estava à beira das lágrimas. — Não sabia!

Ainda a observar Hans, Rebecca disse: — Sou mulher dele.

O rosto do marido alterou-se de novo e, à medida que a culpa se transformava em raiva, cobriu-o uma máscara de fúria. Falou por fim, mas não para ela. — Cala a boca, Scholz — vociferou.

Foi então que ela compreendeu, e o mundo de Rebecca desmoronou-se à sua volta.

Scholz ficou demasiado espantado para prestar atenção ao aviso de Hans. Disse a Rebecca: — É *aquela* Frau Hoffmann?

Hans moveu-se, impelido pela velocidade da raiva. Atacou com o punho direito pesado, esmurrando Scholz no rosto. O jovem cambaleou para trás com os lábios a sangrar. — Seu grandessíssimo idiota — atirou-lhe. — Acabaste de dar cabo de dois anos de um trabalho clandestino cauteloso.

Rebecca murmurou para si própria: — Os telefonemas esquisitos, as reuniões súbitas, as notas rasgadas... — Hans não tinha uma amante.

Era pior que isso.

Sentia-se estupefacta, mas sabia que aquele era o momento para descobrir a verdade, com todos apanhados de surpresa, antes de começarem a dizer mentiras e a forjar explicações falsas. Com esforço, manteve-se concentrada. Perguntou friamente: — Casaste comigo só para me espiares, Hans?

Ele ficou a mirá-la sem responder.

Scholz virou-se e afastou-se a cambalear pelo corredor. Hans ordenou: — Vão atrás dele. — O elevador chegou, e Rebecca entrou no momento em que o marido bradava: — Prendam aquele idiota e atirem-no para uma cela. — Virou-se para falar com ela, mas as portas fecharam-se e ela carregou no botão para o rés do chão.

Ao atravessar o átrio, mal conseguia ver por entre as lágrimas. Ninguém se lhe dirigiu: sem dúvida que era vulgar ver gente a chorar naquele lugar. Achou o caminho para a paragem do autocarro, atravessando o parque de estacionamento, varrido pela chuva.

O seu casamento era uma fraude, e aceitava isso com grande dificuldade. Dormira com Hans, amara-o, casara com ele, e ele enganara-a durante todo esse tempo. A infidelidade podia ser considerada um lapso temporário, mas Hans fora falso com ela desde o início. Devia ter começado a sair com ela para a espiar.

Sem dúvida que nunca tencionara casar realmente com ela. No início, a sua intenção não passara provavelmente de um namoro como forma de ter acesso à casa. O embuste funcionara demasiado bem, e devia ter sofrido um choque quando ela lhe propusera casamento. Talvez se tivesse visto forçado a tomar uma decisão: recusar e abandonar a vigilância ou casar com ela e prosseguir. Talvez até os chefes lhe tivessem ordenado que aceitasse. Como podia ela ter sido tão profundamente enganada?

Chegou um autocarro, e Rebecca saltou lá para dentro. Caminhou de olhos baixos até um lugar perto da traseira e cobriu o rosto com as mãos.

Pensou nos tempos de namoro. Quando levantara as questões que haviam impossibilitado os seus relacionamentos anteriores — o seu feminismo, o facto de ser anticomunista, a proximidade com Carla —, todas as respostas dele haviam sido certas. Ela acreditara que partilhavam as mesmas opiniões, de uma forma quase miraculosa. Nunca lhe ocorrera que fosse tudo uma representação.

O autocarro arrastava-se por entre uma paisagem de velhos destroços e novas construções de betão, em direção à zona central, Mitte. Rebecca tentou pensar no futuro, mas não conseguiu. Só lhe era possível reviver mentalmente o passado. Recordou-se do dia do seu casamento, da lua de mel, e do ano em que tinham estado casados, vendo tudo isso agora como uma peça teatral em que Hans era um dos atores. Ele roubaralhe dois anos de vida. Isso deixou-a tão zangada que parou de chorar.

Lembrou-se da tarde em que lhe propusera casamento. Andavam a passear no Parque do Povo, em Friedrichshain, e tinham parado defronte da velha Fonte dos Contos de Fada para ver as tartarugas de pedra. Ela vestia um vestido azul-marinho, a cor que lhe ficava melhor. Hans trazia um casaco de *tweed*: conseguia arranjar boas roupas, embora a Alemanha Oriental fosse um deserto no tocante à moda. Ele rodeava-a com o braço,

e Rebecca sentia-se segura, protegida, acarinhada. Queria um só homem, para sempre, e esse homem era ele. «Vamos casar-nos, Hans», dissera ela com um sorriso, e ele beijara-a e retorquira: «Que bela ideia.»

Fui uma idiota, pensou furiosa, uma idiota de uma estúpida.

Pelo menos uma coisa estava explicada. Hans não queria ainda ter filhos. Dissera que queria obter primeiro outra promoção e uma casa que fosse deles. Não mencionara isso antes do casamento, e Rebecca ficara surpreendida devido às suas idades: ela tinha vinte e nove anos e ele trinta e quatro. Agora sabia a verdadeira razão.

Quando saiu do autocarro, estava possuída pela raiva. Caminhou depressa por entre a chuva e o vento na direção da velha casa onde vivia. Do vestíbulo, avistou, através da porta aberta da sala da frente, a mãe embrenhada numa conversa com Heinrich von Kessel, que fora conselheiro municipal pelos sociais-democratas juntamente com ela depois da guerra. Passou por eles rapidamente sem falar. A irmã Lili, de doze anos, fazia os trabalhos de casa à mesa da cozinha. Ouviu o piano de cauda na sala de estar: o irmão, Walli, tocava um *blues*. Subiu a escada até às duas divisões que ela e Hans partilhavam.

A primeira coisa que viu ao entrar no quarto foi o modelo de Hans. Trabalhara nele durante todo o ano em que tinham estado casados. Estava a construir um modelo à escala da Porta de Brandeburgo com paus de fósforos e cola. Toda a gente que ele conhecia tinha de guardar os fósforos usados. O modelo estava quase pronto e encontrava-se sobre a pequena mesa no centro do quarto. Ele terminara o arco central e as alas e trabalhava agora na quadriga, o carro puxado por quatro cavalos do topo, que era muito mais difícil.

Devia ter-se sentido aborrecido, pensou ela amargamente. Sem dúvida que o projeto era uma forma de ocupar as noites que se via obrigado a passar com uma mulher que não amava. O casamento deles era como o modelo, uma cópia frágil da coisa verdadeira.

Foi até à janela e ficou a olhar para a chuva. Passado um minuto, um *Trabant 500* castanho-claro parou junto ao passeio, e Hans saiu.

Como se atreve a vir aqui agora?

Rebecca escancarou a janela, sem se importar com a chuva que entrava, e gritou:

— Desaparece!

Ele parou no passeio molhado e olhou para cima.

O olhar dela pousou num par de sapatos do marido, no chão a seu lado. Tinham sido feitos à mão por um velho sapateiro que Hans descobrira. Pegou num e atirou-lho. A pontaria foi boa e, embora ele se esquivasse, acertou-lhe no alto da cabeça.

— Sua cabra desmiolada! — gritou ele.

Walli e Lili entraram no quarto. Ficaram parados à porta, a olharem a irmã mais velha como se ela se tivesse transformado numa pessoa diferente, o que provavelmente era verdade.

— Casaste-te por ordem da Stasi! — gritou Rebecca da janela. — Qual de nós é o louco? — Atirou o outro sapato e falhou.

Lili perguntou num tom atemorizado: — Que estás a fazer?

Walli sorriu e disse: — Que loucura, pá.

Lá fora, dois transeuntes pararam para ver, e um vizinho surgiu à porta, contemplando a cena, fascinado. Hans mirou-os, furioso. Era um homem orgulhoso e angustiava-o fazer figura de parvo em público.

Rebecca olhou em volta, procurando outra coisa para lhe atirar, e o seu olhar caiu no modelo de fósforos da Porta de Brandeburgo.

Estava colocado sobre uma prancha de contraplacado. Era pesada, mas ela aguentava.

Willi exclamou: — Oh, ena pá!

Ela levou o modelo até à janela.

Hans gritou: — Não te atrevas! Isso pertence-me!

Ela pousou a base de contraplacado no peitoril. — Arruinaste-me a vida, seu rufia da Stasi! — gritou.

Uma das mulheres ali paradas riu-se, numa gargalhada desdenhosa e trocista que se sobrepôs ao som da chuva. Hans corou de raiva e olhou em redor, tentando identificar a fonte, mas não conseguiu. Ser alvo de chacota era para ele a pior forma de tortura.

Rugiu: — Tira daí esse modelo, cabra! Trabalhei nele durante um ano!

— O mesmo tempo que eu dediquei ao nosso casamento — retorquiu Rebecca, erguendo o modelo.

Hans berrou: — Estou a dar-te uma ordem!

Ela passou o modelo pela janela e largou-o.

Este virou-se em pleno voo, fazendo com que a prancha ficasse por cima e a quadriga por baixo. Pareceu levar uma eternidade a cair, e Rebecca ficou como que suspensa num momento do tempo. Depois, o modelo bateu no pátio calcetado da frente, com um som de papel a ser amachucado. Desintegrou-se, e os fósforos projetaram-se numa espécie de onda. Caíram, então, no empedrado molhado e ali ficaram, formando um círculo raiado de destruição. A prancha quedou-se no chão, tudo o que continha desfeito em nada.

Hans ficou a olhar por um longo momento, a boca aberta de choque.

Recompôs-se e apontou um dedo a Rebecca. — Escuta bem — disse numa voz tão fria que, de súbito, a deixou assustada —, vais arrependerte, garanto-te. Tu e a tua família. Vão arrepende-se para o resto da vida. Juro-te.

Depois entrou no carro e foi-se embora.

CAPÍTULO DOIS

Para o pequeno-almoço, a mãe fez-lhe panquecas de mirtilos e *bacon* com papas de milho. — Se comer isto tudo, vou ter de passar para os pesos-pesados — comentou George Jakes, que pesava 77 quilos e fora a estrela da equipa de luta de Harvard em pesos-meio-médios.

— Come bem e deixa-te da luta livre — opinou ela. — Não te criei para te tornares num atleta burro. — Sentou-se à mesa da cozinha, em frente ao filho, e serviu-se de cereais.

George não era burro, e ela sabia-o bem. Prestes a licenciar-se em Direito pela Universidade de Harvard, acabara de fazer os exames finais e estava certo de que havia passado. Agora encontrava-se na modesta moradia suburbana da mãe no condado de Prince George, em Maryland, nos arredores de Washington, DC. — Quero continuar em forma — afirmou. — Talvez venha a treinar a equipa de luta de uma escola secundária.

— Ora aí está algo que seria bom para ti.

George fitou a mãe com ternura. Jacky Jakes já fora atraente, sabia-o: vira as suas fotografias de adolescente, quando aspirava a ser atriz de cinema. Mantinha ainda hoje uma aparência jovem: possuía aquele tipo de tez de cor de chocolate escuro que não enrugava. Tal como costumavam dizer as mulheres negras: «As pretas não têm rugas.» Contudo, a boca generosa que sorria tão abertamente nessas velhas fotografias exibia agora os cantos dos lábios arqueados para baixo, numa expressão simultaneamente determinada e sombria. Nunca se tornara atriz. Talvez nunca tivesse tido uma oportunidade: os escassos papéis atribuídos a negras iam diretamente para beldades de tez clara. Fosse como fosse, a sua carreira havia terminado antes de ter começado, quando, aos dezasseis anos, ficara grávida de George. Ganhara aquele rosto abatido a criá-lo sozinha durante os seus primeiros dez anos de vida, enquanto trabalhava como empregada de mesa e habitava uma casa minúscula nas traseiras da Union Station, e a incutir nele a necessidade dos valores do trabalho árduo, da educação e da respeitabilidade.

O jovem declarou: — Eu adoro-te, mãe, mas ainda assim vou à Viagem da Liberdade.

Jacky cerrou os lábios em reprovação. — Tens vinte e cinco anos — declarou. — Faz como quiseres.

— Não, não é assim. Sempre que tenho de tomar uma decisão importante, faço-o contigo. E o mais provável é que continue a ser assim para sempre.

— Não fazes o que digo.

— Nem sempre. Mas continuas a ser a pessoa mais esperta que conheço, de toda a gente de Harvard inclusive.

— Estás a engraxar-me, não é? — retorquiu ela prontamente, mas George percebeu que ficara agradada.

— Mãe, o Supremo decretou que a segregação nos autocarros interestaduais e nas estações é inconstitucional, e os sulistas continuam a desafiar a lei. Temos de fazer qualquer coisa!

— E como é que achas que isso vai ajudar, esta viagem de autocarro?

— Vamos entrar aqui em Washington e viajar para sul. Vamos sentarmo-nos nos lugares da frente, usar as salas de espera só para brancos e pedir que nos sirvam nas cafetarias destinadas aos brancos; e, quando as pessoas recusarem, vamos dizer-lhes que a lei está do nosso lado e que são eles os infratores e os desordeiros.

— Filho, eu sei que *vocês* têm razão. Não precisas de mo explicar. Eu sei o que diz a Constituição. Mas o que é que achas que vai acontecer?

— Acabamos por ser presos, mais cedo ou mais tarde. E depois vamos a tribunal e defendemo-nos aos olhos de todos.

Jackie abanou a cabeça. — Espero bem que te safes assim tão facilmente.

— O que queres dizer com isso?

— Cresceste como privilegiado — retorquiu ela. — Pelo menos, depois de o teu pai, branco, ter regressado às nossas vidas quando tinhas seis anos. Não sabes como são as coisas para a maioria dos negros.

— Gostava que não dissesses isso. — George sentiu-se picado: aquela era a acusação que os ativistas negros lhe faziam, e aborrecia-o. — O facto de ter um avô branco rico que me pagou os estudos não me torna cego. Sei bem o que se passa à minha roda.

— Nesse caso, também sabes que ser preso pode ser o menos mau que te pode acontecer. E se as coisas se tornarem feias?

George sabia que a mãe tinha razão. Os Viajantes da Liberdade⁴ poderiam estar a arriscar mais que a sua própria liberdade. Contudo, quis tranquilizá-la. — Recebi treino em resistência passiva — decla-

⁴ Freedom Riders, os ativistas dos direitos civis dos negros nos EUA. (NT)

rou. Todos os escolhidos para participar numa Viagem da Liberdade eram ativistas dos direitos civis experientes e haviam passado por um programa de treino especial que incluía exercícios de simulação. — Um homem branco, que fazia de racista fanático, chamou-me escarumba, empurrou-me e arrastou-me pelo chão para fora da sala, e eu deixei-o embora pudesse tê-lo atirado pela janela só com um braço.

— Quem era ele?

— Um ativista dos direitos civis.

— Não era a sério.

— Claro que não. Estava a desempenhar um papel.

— OK — concedeu ela, mas ele percebeu pelo tom de voz que queria dizer exatamente o contrário.

— Vai correr tudo bem, mãe.

— Não vou dizer mais nada. Vais comer essas panquecas?

— Olha lá para mim — disse ele. — Fato em *mobair*, gravata estreitinha, cabelo bem curto e sapatos tão polidos que podia usar as biqueiras como espelho para fazer a barba. — George costumava vestir-se de forma elegante, mas tinham-lhe dado instruções para ter uma aparência ultrarrespeitável.

— Pareces muito bem, não fosse essa orelha de couve-flor. — George tinha a orelha do lado direito deformada pela luta.

— Quem é que quereria fazer mal a um negro tão bem-parecido?

— Nem imaginas — retorquiu a mãe, tomada de uma ira repentina. — Esses brancos do Sul, eles... — Com desalento, George viu-lhe os olhos rasos de lágrimas. — Oh, meu Deus, é só que tenho tanto medo que te matem.

Estendeu o braço sobre a mesa e tomou-lhe a mão. — Eu tenho cuidado, mãe, eu prometo.

Jacky enxugou os olhos ao avental. George comeu um pouco de *bacon*, para lhe fazer a vontade, mas tinha pouco apetite. Na verdade, sentia-se mais ansioso do que fingia estar. A mãe não estava a exagerar. Alguns ativistas dos direitos civis haviam sido contra a ideia de uma viagem pela liberdade por temerem que desencadeasse violência.

— Vais passar muito tempo nesse autocarro — comentou ela.

— Treze dias, daqui até Nova Orleães. Paramos todas as noites para reuniões e para comícios.

— O que levas para ler?

— A autobiografia de Mahatma Gandhi. — George achava que devia saber mais sobre Gandhi, cuja filosofia havia inspirado as táticas de protesto não-violento do movimento dos direitos civis.

A mãe retirou um livro de cima do frigorífico. — Isto é capaz de te distrair um pouco mais. É um *bestseller*.

Sempre tinham partilhado livros. O pai de Jacky fora professor de literatura numa universidade negra, e ela sempre lera, desde criança. Quando George era menino, os dois tinham lido juntos os livros dos Bobbsey Twins e dos Hardy Boys⁵, apesar de todos os heróis serem brancos. Agora trocavam os livros de que mais tinham gostado. George olhou para o volume que tinha na mão. A capa de plástico transparente indicou-lhe que se tratava de um exemplar da biblioteca pública local. — *Não Matem a Cotovia*⁶ — leu em voz alta. — Ganhou agora o Pulitzer, não foi?

— E é passado no Alabama, para onde vais agora.

— Obrigado.

Uns minutos mais tarde, deu um beijo de despedida à mãe, saiu de casa com a maleta na mão e apanhou o autocarro para Washington. Saiu na estação da Greyhound do centro da cidade. Um pequeno grupo de ativistas dos direitos civis havia-se juntado no café. George conhecia alguns deles das sessões de preparação. Eram uma miscelânea de negros e brancos, homens e mulheres, novos e velhos. Para além de uma dúzia de ativistas, estavam ainda alguns organizadores do Congresso para a Igualdade Racial, uns dois ou três jornalistas da imprensa negra e alguns apoiantes. O Congresso decidira dividir o grupo em dois, e metade sairia da estação rodoviária Trailways do outro lado da rua. Não se viam *placards* nem câmaras de televisão: tudo muito discreto e tranquilizador.

George cumprimentou Joseph Hugo, um colega da Faculdade de Direito, um tipo branco de olhos azuis protuberantes. Tinham organizado juntos um boicote ao balcão da cafetaria do Woolworth de Cambridge, no Massachusetts. As lojas Woolworth eram integradas na maioria dos estados, mas segregadas no Sul, tal como os autocarros. Joe possuía uma forma especial de desaparecer imediatamente antes de um confronto, e George passara a considerá-lo um covarde bem-intencionado. — Vens connosco, Joe? — inquiriu ele, tentando afastar o ceticismo do tom de voz.

O outro abanou a cabeça. — Só vim desejar boa sorte. — Fumava longos cigarros mentolados com filtro branco, e num tique frenético batia com um na extremidade de um cinzeiro de lata.

— Que pena. És do Sul, não és?

— De Birmingham, no Alabama.

⁵ Bobbsey Twins, longa série de romances infantis, que retratavam as aventuras de dois pares de gémeos; Hardy Boys, romances de mistério e detetives para crianças, protagonizados por dois irmãos adolescentes. (NT)

⁶ Famoso romance de Harper Lee (1926-), em que um advogado branco defende um negro acusado de homicídio no Alabama. (NT)

— Eles vão chamar-nos agitadores de fora. Teria sido útil haver alguém do Sul no autocarro para lhes provar que estavam enganados.

— Não posso, tenho coisas a fazer.

George não insistiu com o colega. Ele próprio já se sentia assustado e, se começasse a discutir os perigos que corriam, poderia acabar por se dissuadir. Olhou em volta para o grupo. Ficou satisfeito por ver John Lewis, um estudante de Teologia sossegado, mas surpreendente, que era membro fundador do Comité Não-Violento de Coordenação Estudantil, o mais radical entre os grupos dos direitos civis.

O líder pediu silêncio e deu início a uma curta declaração para a imprensa. Enquanto falava, George viu entrar um homem, sorrateiro: branco, alto, com cerca de quarenta anos, trajava um fato de linho amarrotado; atraente apesar da constituição pesada, o rosto vermelho a denunciar o excesso de bebida. Parecia apenas mais um passageiro à espera de autocarro, e ninguém lhe prestou atenção. Sentou-se ao lado de George e, pondo um braço em redor dos ombros, deu-lhe um abraço ligeiro.

Era o senador Greg Peshkov, o pai de George.

A relação familiar entre os dois era um segredo de polichinelo, conhecido dos bem informados de Washington mas nunca assumido publicamente. Greg não era o único político a ter um tal segredo. O senador Strom Thurmond tinha pago a educação universitária da filha dum criada da família: dizia-se que a rapariga era filha dele, o que não o impedia de ser o mais raivoso dos segregacionistas. Quando Greg surgira, um completo estranho aos olhos do filho de seis anos, pedira a George que o tratasse por tio Greg, e desde então nunca tinham arranjado um eufemismo melhor.

Greg era egoísta e, decerto, alguém em quem não se podia confiar, mas preocupava-se com George à sua maneira. Durante a adolescência, o jovem passara por uma longa fase de revolta contra o pai, mas acabara por o aceitar tal como era, dado que meio pai seria melhor que nada.

— George — começou Greg em voz baixa —, estou preocupado.

— Tu e também a mãe.

— O que é que ela disse?

— Acha que os racistas do Sul nos vão matar.

— Não me parece que isso possa acontecer, mas podes perder o emprego.

— Mr. Renshaw disse alguma coisa?

— Não, ele, por enquanto, não sabe nada disto. Mas, se fores preso, acaba por descobrir rapidamente.

Renshaw, oriundo de Buffalo, era amigo de infância de Greg e o sócio mais importante de um prestigiado escritório de advocacia de

Washington. No verão anterior, Greg tinha arranjado ao filho um emprego durante as férias na firma, e, tal como tinham ambos esperado, esse lugar temporário levava à oferta de um emprego a tempo completo depois da licenciatura. Era um golpe de mestre: George seria o primeiro negro a trabalhar no escritório sem ser empregado de limpeza.

George declarou com um toque de irritação na voz: — Nós não desobedecemos à lei. Nós pretendemos fazer com que a lei seja respeitada. Os criminosos são os segregacionistas. Esperaria que um advogado como o Renshaw entendesse isso.

— Claro que entende, mas ainda assim não pode contratar alguém que se tenha envolvido em sarilhos com a polícia. Acredita que seria igual se fosses branco.

— Mas nós estamos do lado da lei!

— A vida é injusta. Os dias de estudante terminaram, bem-vindo ao mundo real.

O líder chamou-os em voz alta: — Por favor, toda a gente a vir buscar os bilhetes e a verificar as bagagens.

George levantou-se.

Greg inquiriu: — Não consigo demover-te, pois não?

Parecia tão desesperado que George desejou poder ceder, mas não podia. — Não, estou decidido — concluiu.

— Então, por favor, tenta ser muito cuidadoso.

George ficou comovido. — Que sorte a minha ter pessoas que se preocupam comigo — constatou. — Reconheço-o.

Greg apertou-lhe o braço em jeito de despedida e saiu silenciosamente.

George postou-se na fila com os outros e comprou um bilhete para Nova Orleães. De seguida dirigiu-se para o autocarro azul e cinzento e entregou a sua maleta para ser colocada no compartimento das bagagens. A lateral do autocarro exibia o desenho de um grande galgo e o *slogan*: QUE CONFORTO APANHAR O AUTOCARRO... E DEIXAR A CONDUÇÃO POR NOSSA CONTA. Subiu para o autocarro e entrou.

Um dos organizadores indicou-lhe um lugar à frente. A outros foi-lhes dito para se sentarem em pares inter-raciais. O motorista não lhes prestou atenção, e os restantes passageiros pareciam apenas levemente curiosos. George abriu o livro que a mãe lhe dera e leu a primeira linha.

Uns momentos mais tarde, o organizador pediu a uma das mulheres que se sentasse ao lado dele. George cumprimentou-a com um sinal com a cabeça, satisfeito. Já se tinham encontrado algumas vezes e gostava dela. Chamava-se Maria Summers. Trajava um vestido recatado em algodão cinzento-claro, de decote subido e saia rodada. A tez era do mesmo tom escuro que a da mãe, tinha um narizinho achatado engra-

çado e uns lábios que o faziam pensar em beijar. Sabia que estudava na Faculdade de Direito de Chicago e, tal como ele, prestes a licenciar-se, portanto deviam ser da mesma idade. Devia ser não apenas inteligente como determinada; teria de o ser, para conseguir entrar em Direito em Chicago com duas desvantagens tão óbvias: ser mulher e ser negra.

Quando o motorista ligou o motor e arrancou, George fechou o livro. Maria leu o título, dizendo: — *Não Matem a Cotovia*. Estive em Montgomery, no Alabama, no verão passado.

Montgomery era a capital do estado. — O que estiveste lá a fazer? — quis saber.

— O meu pai é advogado e teve um cliente que pôs um processo ao estado. E eu estive a trabalhar para ele nas férias.

— Ganharam o caso?

— Não, mas não quero interromper-te a leitura.

— Estás a brincar? Posso ler em qualquer altura. Quantas vezes é que um tipo tem uma rapariga tão bonita sentada ao seu lado?

— Oh, meu Deus — exclamou ela. — Alguém me devia ter avisado de que és um falinhas mansas.

— Se quiseres, digo-te um segredo.

— OK, qual é ele?

— É que estou a ser sincero.

Ela soltou uma gargalhada.

George continuou: — Mas não digas a ninguém, que me estragas a reputação.

O autocarro atravessou o Potomac e rumou à Virgínia pela Autoestrada 1. — Agora já estás no Sul, George — anunciou Maria. — Já estás com medo?

— Claro que sim.

— Eu também.

A autoestrada era um corte estreito e reto que cruzava quilómetros de floresta verde-primavera. Atravessaram pequenas povoações onde os homens tinham tão pouco que fazer que paravam para ver o autocarro passar. Porém, George não olhou muitas vezes pela janela. Ficou a saber que Maria havia crescido numa família rigidamente religiosa e que o avô fora pregador. Ele contou-lhe que ia à igreja mais para contentar a mãe, e Maria confessou que o mesmo se passava com ela. Conversaram durante todo o caminho até Fredericksburg, com oitenta quilómetros feitos.

Os Viajantes ficaram em silêncio quando o autocarro entrou na pequena cidade histórica onde ainda reinava a supremacia branca. O terminal da Greyhound situava-se entre duas igrejas de tijolo vermelho e portas brancas, mas, no Sul, os indícios de cristandade não

eram necessariamente um bom sinal. Enquanto o autocarro estacionava, George avistou as casas de banho e ficou surpreso por não haver letreiros sobre as portas a dizer SÓ BRANCOS e SÓ PESSOAS DE COR.

Os passageiros desceram do autocarro e ficaram ali de pé, a pestanejar à luz do Sol. Apurando a vista, George apercebeu-se de manchas mais claras por cima das portas das casas de banho e deduziu que os letreiros segregacionistas tinham sido retirados havia pouco tempo.

Apesar de tudo, os Viajantes decidiram pôr em prática o seu plano inicial. Primeiro, um dos organizadores, branco, entrou na casa de banho suja das traseiras, claramente destinada a negros. Saiu passado pouco tempo, incólume, mas essa era a parte mais fácil. George já se havia voluntariado para ser o negro a infringir as regras. — Aqui vou eu — disse para Maria e entrou na casa de banho limpa e recentemente pintada, aquela a que tinha obviamente sido retirado o letreiro SÓ BRANCOS.

Lá dentro, um jovem penteava a sua poupa. Olhou para George pelo espelho, mas não disse nada. George estava aterrado de mais para urinar, mas não podia limitar-se a sair de seguida, portanto decidiu lavar as mãos. O jovem saiu, e entrou um homem mais velho que se enfiou num dos cubículos. George limpou as mãos à toalha de rolo. Depois, já não tinha nada para fazer, portanto saiu.

Os outros esperavam-no. Encolheu os ombros e anunciou: — Nada. Ninguém tentou deter-me, ninguém disse nada.

Maria declarou: — Eu fui ao balcão pedir uma cola, e a empregada vendeu-ma. Acho que houve aqui alguém que decidiu evitar problemas.

— É assim que vai ser todo o caminho até Nova Orleães? — interrogou-se George em voz alta. — Vão agir como se nada se passasse? E depois de nos termos ido embora, impõem de novo a segregação? Isso equivale a tirarem-nos o tapete debaixo dos pés!

— Não te preocupes — contrapôs Maria. — Eu conheço as autoridades do Alabama. E acredita em mim, não são assim tão espertas.